

ENTREVISTA COMO TÉCNICA PARA A PESQUISA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA INCLUSIVA

Júnio Hora¹

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Coordenação de Aperfeiçoamento e de Pessoal de Nível Superior (Capes)

Larissa Littig Francisco²

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Coordenação de Aperfeiçoamento e de Pessoal de Nível Superior (Capes)

Edson Pantaleão³

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Eixo Temático 6: Aprendizagem e Avaliação: Diagnóstico, Planejamento e
Gestão do Trabalho Pedagógico

RESUMO

O presente texto visa refletir sobre o uso da entrevista com roteiro semiestruturado como técnica em pesquisas no campo da Educação Especial na Perspectiva Inclusiva. Destaca, ainda, a importância de agregar outras ferramentas em paralelo às entrevistas, contribuindo, assim, para uma investigação com uso de recursos técnicos que permitam à pesquisa científica uma forma plural de produção e de análise de dados. Para tal, utilizamos de uma revisão de literatura que toma por base os “operadores booleanos”, que se trata de uma combinação de símbolos entre as palavras que utilizamos para pesquisar, e permitem atingir um filtro objetivo na seleção de pesquisas sobre Educação Especial que fizeram abordagem com a metodologia da entrevista.

¹ Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGE/UFES). Integrante do grupo de pesquisa “Políticas, Gestão e Inclusão Escolar: contextos e processos sociais” (GRUPGIE) - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: jhora1988@gmail.com

² Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGE/UFES). Integrante do grupo de pesquisa “Políticas, Gestão e Inclusão Escolar: contextos e processos sociais” (GRUPGIE) - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: larissalittig15@hotmail.com

³ Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGE/UFES). Coordenador do grupo de pesquisa “Políticas, Gestão e Inclusão Escolar: contextos e processos sociais” (GRUPGIE) - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: edpantaleao@hotmail.com

Fizemos a busca no Google Acadêmico, e como critério de seleção de artigos, levamos em consideração apenas artigos oriundos de periódicos científicos revisados por pares. Como bases teóricas trabalhamos com Norbert Elias (2011), Paulo Freire (2018) e Antonio Carlos Gil (2019), dado que os dois primeiros contribuem com reflexões sobre os modos como a civilização ocidental vem se constituindo em longa duração histórica; sobretudo quando usamos das suas abordagens sócio-filosóficas para pensar a Educação de indivíduos segregados historicamente; e o terceiro autor contribui em nosso trabalho para referenciar as perspectivas de métodos e técnicas adotadas. Os resultados, a partir da revisão de literatura e dos debates no campo teórico, demonstraram que as pesquisas no campo da Educação Especial têm atribuído alto valor à técnica das entrevistas, em detrimento às pesquisas com base em outros recursos técnicos, que direcionam para análises quantitativas ou de cunho qualiquantitativo.

Palavras-chave: Educação Especial. Metodologia. Teórico-metodológico. Entrevistas. Técnica.

Aproximações iniciais

Pesquisas de caráter social fazem parte de uma construção cujo levantamento de dados, análises e resultados têm vinculação direta com a forma com a qual, quem pesquisa observa o indivíduo, a sociedade, as relações que são estabelecidas entre estes componentes e de como se envolve com a pesquisa.

Tal envolvimento exige de nossa parte uma diversidade de recursos técnicos com os quais tenhamos análises fundamentadas em distintas fontes de informações, e que os resultados estejam permeados por um movimento reflexivo de fundamentos epistêmicos, os quais a diversidade de recursos pode oferecer.

Dessa forma, a técnica de pesquisa que discutiremos neste texto será a entrevista semiestruturada, “em que as perguntas são previamente estabelecidas [...]”. Esta modalidade de entrevista tem como principal vantagem sua adequação às características do entrevistado (GIL, 2019, p. 129).

Quando falamos em técnica de entrevistas, decorre-se de que essa é uma das mais usadas nas pesquisas em Educação Especial, conforme apontaremos adiante.

Em se tratando das bases teóricas, no caso do presente estudo, mantemo-nos pautados em Norbert Elias (2011) e Paulo Freire (2018), sendo que ambos nos ajudam a refletir as relações humanas, pois utilizaram em seus trabalhos teóricos e práticos o uso de entrevistas, inclusive no cotidiano da prática educativa.

Ainda sobre a técnica da entrevista, trabalharemos com Antonio Carlos Gil (2019), tendo em vista as contribuições que este autor tem a oferecer no campo dos métodos e técnicas da pesquisa social. Desse modo, inicialmente, tomamos por base os apontamentos teóricos de Gil (2019), onde o autor afirma que:

A entrevista é uma das mais importantes dentre as técnicas disponíveis para a coleta de dados em pesquisas sociais. É também uma das mais curiosas, pois caracteriza-se por uma relação social muito atípica: duas pessoas que não se conhecem falam por um tempo relativamente longo e depois se separam para provavelmente não se reverem. Mas é exatamente essa estranheza que torna a entrevista uma técnica tão produtiva. O fato de o pesquisador estar fora da vida social do pesquisado é o que o torna uma pessoa preparada para ouvir o que ele tem a dizer, até mesmo algumas de suas confidências (GIL, 2019, p. 125).

Temos, então, uma série de elementos que colaboram para o trabalho com as entrevistas, em que o fato de não ter vínculos particulares com nenhuma das pessoas entrevistadas tende a favorecer análises com menores interferências das pulsões próprias das relações de intimidade (ELIAS, 2000).

Entrevista e outras técnicas na pesquisa em Educação Especial

As entrevistas permitem fazer um movimento de abordagem que venham a ser “[...] essencialmente interpretativista. Ela se refere a ações, acontecimentos e

outros elementos que, para serem significativos precisam ir além da descrição, requerendo interpretação” (GIL, 2019, p. 184).

Outro fator importante a ser considerado para as entrevistas está relacionado ao tempo que levamos para a sua realização e, em caso de estudo comparado, optar por fazer as entrevistas primeiramente com indivíduos cuja realidade cultural seja menos próxima a de quem entrevista.

Independentemente se a entrevista em estudo comparado for com indivíduos próximos a quem entrevista ou não, é necessário executar um teste com o roteiro, seja este fechado, semiestruturado ou se a entrevista tem um formato completamente aberto.

Uma das intenções do teste é a de saber se a entrevista no perfil ao qual foi pensado, enquanto instrumento para o levantamento de dados fornece uma relação com os objetivos da pesquisa, bem como se permite à pessoa entrevistada ficar confortável para acessar recursos da sua memória que, porventura, o roteiro não venha a apresentar.

Igualmente, outra intenção de realizar o teste encontra-se em medir o tempo total da entrevista. Tomamos por base uma média de 30 minutos na execução das entrevistas, tendo em vista o histórico que permeia as nossas pesquisas em estudo comparado internacional Educação Especial na Educação Superior na Perspectiva Inclusiva, entre duas universidades públicas (*Universidad Veracruzana-UV-México* e *Universidade Federal do Espírito Santo-UFES-Brasil*) (JUÁREZ *et al*, 2016; CONCEIÇÃO, 2017).

Ao mesmo tempo, não queremos dizer que a entrevista deva, por obrigação, levar um tempo pragmático específico. A duração de cada entrevista precisa ser aquela em que entrevistador e entrevistado se sintam confortáveis para manter aquele diálogo; vai depender principalmente de quem necessita da obtenção da informação – no caso, o entrevistador –, da sensibilidade

permeada pela humildade (FREIRE, 2019) e simpatia (ELIAS, 2011), em prol da produção da existência em sociedade.

Dessa forma, para contribuir com a análise, investimos em um levantamento da literatura utilizando “operadores booleanos⁴”, cuja determinada combinação de símbolos entre as palavras que utilizamos para pesquisar permitiu que tenhamos um filtro diretivo, para que a revisão de literatura apresente maior objetividade sobre pesquisas em Educação Especial que utilizam como técnica a entrevista.

Esse filtro foi feito na plataforma Google Acadêmico, mas pode ser feito também no Portal de Periódicos e de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento e de Pessoal de Nível Superior (Capes) da seguinte forma:

O uso de aspas no “termo composto” recupera os registros que contêm as palavras juntas. “Global warming”; O termo composto, sem aspas, o sistema localiza registros que contêm as palavras, não importando a posição. Os operadores devem ser digitados em letras maiúsculas, caso contrário será considerado como parte da expressão de busca: AND / OR / NOT; caso nenhum operador seja incluído a busca é realizada procurando todas as palavras⁵.

Esse recurso nos permitiu chegar ao seguinte quadro:

Quadro 1 – Trabalhos publicados em 2020 – Google Acadêmico

Google Acadêmico – Trabalhos publicados em 2020						
Indexadores	Resultado total	Artigos oriundos de periódicos	Teses	Dissertações	E-books	Total de trabalhos selecionados
“metodologia de	45	13	2	4	2	21

⁴ Informações disponíveis em: <http://www.biblioteca.ufes.br/portal-de-periodicos-capes>, em 30 de novembro de 2019.

⁵ Informações disponíveis em: <http://www.biblioteca.ufes.br/portal-de-periodicos-capes>. Acesso em: 25 agosto de 2020.

pesquisa ⁶ OR "pesquisa educacional ") AND (entrevista) AND ("educação especial") AND ("educação superior")						
---	--	--	--	--	--	--

Fonte: Elaboração dos autores.

Empenhamo-nos em fazer uma revisão de literatura apenas sobre o uso da técnica da entrevista em pesquisa em Educação Especial e, no nosso caso específico, em Educação Superior (por se tratar do estudo ao qual temos nos debruçado desde 2015, e ainda assim, outras relacionadas à Educação Básica também apareceram), pois tínhamos uma hipótese: a de que os estudos no campo da Educação Especial têm feito investimentos importantes na técnica da entrevista.

Essa constatação nos mostrou uma urgência quanto à necessidade da pluralidade de recursos técnicos para as pesquisas em Educação Especial, e justifica-se quando observamos que nessa modalidade ainda apresentamos resultados tímidos de trabalhos que falam sobre questões como recursos financeiros, conforme podemos debater em pesquisas que demonstram esse quadro.

Thesing e Costas (2020) analisaram os artigos publicados nas reuniões da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) entre 2010 e 2017, no Grupo de Trabalho da Educação Especial (GT15), e observaram que as entrevistas estão como a técnica mais utilizada em pesquisas no campo da Educação Especial para coleta de dados, assim como afirmado por Souza (2020) e Gomes (2020).

⁶ Tivemos que usar a palavra "metodologia" nos operadores booleanos para localizar trabalhos, pois, quando usamos a palavra "técnica" para nos referirmos às entrevistas, os resultados apareciam de áreas mistas. E nos interessava, exclusivamente, os trabalhos na área da Educação.

Contamos, também, com outros trabalhos que nos falam da urgência das pesquisas em Educação Especial se valerem de análises não apenas qualitativas, como os estudos de Ferreira e Francisco (2020), que analisaram estudos publicados na Revista Educação Especial (UFESM), e identificaram a seguinte situação:

Dos 16 trabalhos analisados nesta pesquisa, apenas um utilizou o método quantitativo (ALMEIDA; PEREIRA-SILVA, 2018), prevalecendo a utilização da observação como instrumento característico da pesquisa qualitativa. Esta é uma tendência na área da Educação Especial, sendo ainda tímida a entrada de estudos mistos e quantitativos, com trabalhos experimentais em áreas como avaliação de ensino de pessoas com autismo (NUNES; WALTER, 2014). A tendência qualitativa está presente nos estudos em educação preocupados com a intervenção nos processos educativos, com análise qualitativa das políticas públicas bem como de participação ativa dos participantes da pesquisa no fazer do conhecimento científico. Isto devido à proposta de inclusão, de viabilizar o dizer dos que historicamente foram excluídos de falar em nome próprio, marginalizados e historicamente silenciados (FERREIRA; FRANCISCO, 2020, p. 155).

Precisamos reforçar que a pesquisa qualitativa, a quantitativa e a quali quantitativa possuem as perspectivas metodológicas que contribuem para a análise do objeto ao qual se dispõem. Nossa defesa é a de que, ao somarmos diferentes recursos metodológicos e técnicos para a pesquisa em Educação Especial, temos um diálogo que, por meio de uma leitura profunda dos métodos, nos aproxima do problema a ser estudado, levando em consideração a complementaridade que objetivamos pontuar entre tais recursos. Então:

Ao realizar uma entrevista, enquanto pesquisadores, observamos a possibilidade de conhecer e interpretar a realidade que está sendo construída e revelada no cotidiano e, muitas vezes, não está documentada. Bosi (2003, p. 60) afirma que a qualidade que se estabelece entre o pesquisador e o pesquisado está relacionada à qualidade da entrevista. Assim as pesquisas documental e empírica são consideradas como duas fontes de dados que fornecerão elementos e poderão oferecer uma interpretação e um conhecimento que antes não havia sido produzido (RAMOS, 2020, p. 62).

Dessa forma, cruzar dados produzidos em entrevistas com aqueles coletados em outras fontes de base quantitativa, por exemplo, oferece a possibilidade para analisar as questões como aquelas que gestam o espaço da Educação, de modo que possamos romper com recorrentes falas sobre as ausências que tentam legitimar a não promoção de uma Educação Especial na Perspectiva Inclusiva (não tem tempo, não tem suporte, não tem formação, não tem técnica, não tem acompanhamento familiar, não tem acompanhamento da gestão do espaço educacional, não tem recurso financeiro, etc.) (QUADROS *et al.*, 2020).

O que os dados nos dizem?

Quando analisamos os trabalhos sobre o uso da entrevista na pesquisa em Educação Especial, nos permitiu refletir que a produção do conhecimento vem sendo conjunto com os estudantes público-alvo da Educação Especial, proporcionando identificar outras formas de aprendizagem, senão aquelas às quais os “pacotes prontos” costumam oferecer (FREIRE, 1978).

Referimo-nos à compreensão de que a aprendizagem, ensino, avaliação, diagnóstico, planejamento e gestão do trabalho pedagógico precisam ocorrer com base em análises com mais de uma técnica, ao passo que respeitem as pluralidades e contribuam para a produção de conhecimentos que reconheçam as singularidades de cada estudante público-alvo da Educação Especial, mas não deixe de vislumbrar as dinâmicas macrossociais das políticas e seus financiamentos.

E aqui se encontra parte do movimento dialógico ao qual defende Freire (1978, 2018, 2019), pois o ato de fazer pesquisa em Educação implica pensar a própria prática constantemente, levando em consideração que esta se fundamenta em uma determinada técnica que se aprofunda na medida em que a experiência junto à classe estudantil vai sendo produzida, ao passo que produz, também, as relações entre docentes e discentes.

Tais afirmativas por entender que o trabalho didático-pedagógico

[...] demanda competência científica, clareza política e integridade ética. Não posso estar seguro do que faço se não sei como fundamentar cientificamente a minha ação, se não tenho pelo menos algumas ideias em torno do que faço (FREIRE, 2019, p. 129).

Assim, reforçamos a importância dos estudos que tomam por base a técnica da entrevista com estudantes público-alvo da Educação Especial, de modo a pensar as técnicas para exercer este trabalho. Acreditamos que seja uma das principais formas com as quais qualquer etapa, nível e modalidade de ensino precisa se valer para que a Educação seja uma produção como processo.

Então, quando falamos no uso da entrevista atrelada a outras técnicas para estudos em Educação Especial, pensamos que, ao selecionar pessoas e documentos para estabelecer diálogo para uma pesquisa, exige-se extremo cuidado, pois não podemos correr o risco de parecer algo agressivo, haja vista que não basta abordar aleatoriamente alguém que se insira no perfil ao qual a pesquisa se inclina, ou aleatoriamente selecionar documentos sem quaisquer critérios. Para sermos mais exatos, qualquer pesquisa científica precisa estar envolta pelo máximo de cuidado, de modo a evitar seja lá qual for à agressão.

A literatura aponta que, no ato do encontro pessoalmente, é de suma importância explicar o caráter técnico, teórico, científico, de cunho acadêmico e cultural, sem intenção de lucros financeiros. Assim, quando da autorização, pode-se solicitar a assinatura de um tempo de concessão em duas vias, ou usar aparelho celular no “modo avião” (para evitar qualquer interrupção), e solicitar autorização para gravar em aplicativo instalado no referido aparelho. Ao receber autorização para gravar, é necessário fazer uma introdução em cada entrevista, explicando, novamente, do que se trata a pesquisa e indagando se a pessoa concorda em falar para esta finalidade.

Comumente as entrevistas são feitas de forma presencial. Todavia, em caso de impossibilidades por questões de prevenção à saúde, por exemplo, em meio à pandemia da Covid-19, entendemos que, por meio de um processo não planejado, podemos nos valer da internet e, ainda assim, estreitar laços, desde que as pessoas a serem entrevistadas tenham passado por vias técnicas e burocráticas e institucionais que aqui apontamos⁷.

Além disso, tanto a literatura quanto o próprio processo de entrevista podem apresentar as características de uma sociedade. E a sociedade contemporânea está permeada pelo uso da internet, e faz parte de um fluxo contínuo de nosso processo civilizador, de modo que, apesar de usarmos de forma planejada, não sabemos os rumos que tomaremos com esse recurso de comunicação (ELIAS, 2006).

Entendemos que a entrevista fisicamente produzida e o acesso aos dados materiais, como em bibliotecas, são fundamentais para qualquer produção científica que se valha de tais recursos. Mas, enquanto produção de ciência, precisamos levar em consideração outras fontes de pesquisa; e, hoje, em pleno século XXI, dispomos, também, das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) para tal busca (THOMAS, 2019; SILVA *et al.*, 2020). A entrevista presencial ou on-line dependerá do contexto em que se encontra a necessidade da produção/levantamento de dados.

Falamos então sobre formação em sentido amplo, mais do que restrita, unilateral e bancária, em que o professor/pesquisador faz depósitos em mentes supostamente vazias (FREIRE, 2018; GIRARDI *et al.*, 2020; SILVEIRA *et al.*,

⁷ Estivemos em estágio sanduíche na *Universidad de Guadalajara (UdeG-México)*, entre 8 de janeiro a 20 de março de 2020, para levantamento de dados e continuidade, no doutoramento, das pesquisas que produzimos desde o mestrado, sobre estudo comparado internacional em Educação Especial na Educação Superior na Perspectiva Inclusiva. No entanto, decorrente da urgência em retornar para o Brasil, com cancelamentos e trocas de voos, além dos riscos de fechamentos de aeroportos, dada a crise sanitária mundial provocada pela Covid-19, duas das entrevistas com estudantes da *UdeG* realizamos em solo brasileiro, utilizando recursos on-line, como o Skype e o WhatsApp, respectivamente para dialogar com o estudante com Paralisia Cerebral e com o estudante com Autismo.

2017). Por tais questões, compreendemos entrevistas nas pesquisas em Educação Especial como:

[...] análise do cotidiano (abordagem da prática educacional) e defende que esta precisa ser desenvolvida com reflexão crítica e coletiva, para nortear o caminho fértil no enfrentamento dos desafios da sala de aula e da escola. Nesse processo de reflexão crítica e coletiva, os conhecimentos teóricos subsidiam as análises reflexivas e críticas do cotidiano e constituem a práxis educativa capaz de superar as justaposições e/ou fragmentações de ações desprovidas de intencionalidade (SILVA, 2019, p. 67).

Tratamos da importância do uso de uma ou mais técnicas para levantamento e/ou produção de dados em pesquisas na Educação Especial, pois, na medida em que trabalhamos com as entrevistas, observamos que:

[...] o discurso não é um elemento neutro e transparente, é elemento de controle e poder, pois “as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder” (FOUCAULT, 2009, p. 10). Trata-se do modo de pensar e falar sobre as coisas, num discurso histórico/contextual amparado por um sistema de instituições que impõem o que deve ou não ser dito e aceito [...] (COSTA; PIECZKOWSKI, 2020, p. 06).

Logo, a utilização das entrevistas com outras técnicas permite dispor em paralelo com dados de outras fontes. E, independentemente do cruzamento de dados, deve ser levado em consideração, também, a nossa condição de limites da pesquisa, permeados pelos aspectos formativos próprios que permitem determinadas análises; assim, se os mesmos dados forem investigados por outros pesquisadores, sabemos da inevitabilidade de que estes tenham outras interpretações (FERREIRA; FRANCISCO, 2020).

Para tal, levamos em consideração que:

Uma das formas de se proceder à análise consiste no cortejo dos dados obtidos na pesquisa com outros dados, que podem ser de arquivo ou obtidos em pesquisas realizadas anteriormente. A interpretação também pode ser feita mediante a análise dos dados obtidos à luz de alguma teoria. É o que torna a interpretação mais rica, pois um dos mais importantes papéis da teoria na pesquisa é o de conferir maior significância aos dados (GIL, 2019, p. 29).

Esse movimento é o que podemos chamar de “triangulação dos dados⁸” que, quando somados, postos em comparação, contribuem para pensar o público-alvo da Educação Especial, de modo que possamos situá-la em suas especificidades para assegurar o atendimento responsável.

Em paralelo a esses fatores, podemos observar que as análises documentais possibilitam uma investigação dos processos de mudança social e cultural, em que a Educação Especial vem tencionando os espaços de escolarização (ELIAS, 2011).

Diante do exposto, é necessário o exercício da “denúncia e do anúncio” (FREIRE, 1978), não como previsão ingênua do que vai ocorrer, mas sim dos movimentos que precisamos, enquanto sociedade, produzir para o rompimento do latifúndio do saber científico e da universidade, uma vez que:

Denúncia e anúncio, porém, jamais estiveram [...] dissociados, como também jamais fora da práxis revolucionária. A denúncia da realidade opressora, da espoliação, da farsa colonialista, que procurava mascarar aquela espoliação, bem como o anúncio da nova sociedade, constituindo-se no seio mesma da velha, através da transformação revolucionária (FREIRE, 1978, p. 23).

Nos encontros entre entrevistadores e entrevistados para tratar sobre Educação Especial, as questões levantadas e os debates tecidos provavelmente se direcionarão para as ausências. Precisamos utilizar como “denúncia” em nossas reflexões para direcionar aos “anúncios”, quando, ainda sob a complexidade das ausências, venhamos a produzir pesquisas, de modo que essas entrevistas e outras técnicas nos ajudem a estabelecer um estudo comparado sobre ela problemática (SILVA *et al.*, 2020). Mas, quando somadas a outras técnicas, as falas permitem análises cujas entrevistas não sejam permeadas de verdades absolutas.

⁸ Em sua acepção mais simples, esse conceito refere-se ao uso de dois ou mais métodos para verificar se os resultados obtidos são semelhantes, com vistas a reforçar a validade interna dos resultados [...], seu propósito é o de utilização de dois ou mais processos comparáveis com vistas a ampliar a compreensão dos dados, a contextualizar as interpretações e a explorar a variedade dos pontos de vista relativos ao tema (GIL, 2019, p. 177).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que, ao utilizarmos, em nossas pesquisas, os diferentes recursos técnicos e metodológicos, podemos possibilitar um debate teórico-metodológico no momento da organização, sistematização e produção dos dados, potencializando assim, a Educação e a modalidade da Educação Especial na Perspectiva Inclusiva, afirmando o direito de todos ao processo de escolarização.

Partindo dos debates estabelecidos entre a revisão de literatura e os referenciais teóricos, entendemos como urgente que as pesquisas em Educação Especial se inclinem também para outras técnicas de coleta de dados, além das entrevistas, de modo que sejam entendidas como complementares.

Complementaridade esta que, sem ela, na contemporaneidade, torna-se inviável administrar qualquer modelo de Educação que respeite a humanização e as particularidades didático-pedagógicas sem que se entenda como plural, inclusive as abordagens técnicas.

REFERÊNCIAS

CONCEIÇÃO, J. H. **Educação especial no ensino superior**: processos sociais comparados entre México e Brasil. 2017. 159 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2017.

COSTA, J. M. de M.; PIECZKOWSKI, T. M. Z. Inclusão de estudantes com deficiência na educação superior na perspectiva da gestão universitária. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 36, e208179, 2020.

ELIAS, N.; SCOTSON, L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

ELIAS, N. **Escritos e ensaios**: Estado, processo e opinião pública. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

ELIAS, N. **O processo civilizador (Vol. 1):** uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

FERREIRA, A. R.; FRANCISCO, D. J. F. A observação como instrumento nas pesquisas em Educação Especial: uma análise dos artigos publicados na Revista Educação Especial (UFSM). **RECC**, Canoas, v. 25, n. 1, p. 149-162, março, 2020. ISSN22236-6377.

FREIRE, P. **Cartas à Guiné-Bissau:** registros de uma experiência em processo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** 66ª Edição. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FREIRE, P. **Professora sim, tia não:** cartas a quem ousa ensinar. 28ª Ed. RJ/SP: Paz e Terra, 2019.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 7ª Ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GIRARDI, V. L.; TSCHOKE, A. Acessibilidade formacional: a percepção profissional na inclusão da pessoa com deficiência intelectual no lazer. **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 5, n. 13, p. 95-112, jan./abr. 2020.

GOMES, I. C. **O subsistema de atitude no discurso de cinco professoras de Letras que atuam fora da área específica de formação em Catalão-GO.** 2020. 147 f. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Mestrado e Doutorado em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Goiás. Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2020.

JUÁREZ, A. de los A. C. *et al.* Vivencias de los estudiantes con discapacidad en el contexto de una universidad pública mexicana. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 10, n. 3, p. 383-399, 2016.

QUADROS, G. C. Q. *et al.* Salas de recursos multifuncionais e ensino de ciências: inclusão para quem? **Braz. J. of Develop.**, Curitiba, v. 6, n. 5, p. 25038-25049 may. 2020. ISSN 2525-8761.

RAMOS, C. J. M. **Programa Bolsa Formação – Escola pública e Universidade:** implicações e contribuições para a política educacional de formação inicial de professores. 2020. 257 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

SILVA, A. F. da, *et al.* Políticas públicas e formação docente continuada para uso de TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação: Estudo de caso na região metropolitana da Baixada Santista. *In: Série Educar – volume 22 – Tecnologia.* Organização da Editora Poisson: Belo Horizonte (MG), 2020.

SILVA, G. F. J e. **A atuação de supervisores pedagógicos na formação continuada de professores de escolas municipais do sul de Minas Gerais.** Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade do Vale do Sapucaí (UNIVÁS), Pouso Alegre-MG, 2019.

SILVEIRA, A. P. *et al.* Representações Sociais sobre o ensino-aprendizagem de Libras: especificidades pedagógicas no Ensino Superior. *In:* RAMOS, C. T. R. de *et al.* (Orgs.). **Pesquisas em Educação Especial: fios e desafios.** 1. ed. Curitiba: Appris, 2017.

SOUZA, Carlos Rodrigo Moraes de. O ensino e a aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais em Breves-PA a partir da ótica do Professor Mestre Huber Kline G. Lobato. *In:* **Revista Falas Breves**, n.8, maio, 2020, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó –Breves, Breves-PA. ISSN 23581069

THESING, M. L. C.; COSTAS, F. A. T. As pesquisas em Educação Especial na ANPEd: a produção do conhecimento nas reuniões científicas nacionais. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 15, n. 3, p. 1146-1166, jul./set. 2020.

THOMAS, J. Ensino além da visão: ferramentas e estratégias que auxiliam a inclusão do deficiente visual em sala de aula. **Educação Por Escrito**, Porto Alegre, v. 10, n. 2, jul.-dez. 2019.